Ano VI — Lisboa, Junho de 1950 — N.º 62

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

UMA NOVA "EQUIPA ESCOTISTA,,

Há sòmente umas semanas que a A. E. P. tem à sua frente uma nova «equipa escotista». Um pequeno núcleo de velhos lobos, que se aprestam para a tarefa de marcar o caminho que têm de seguir os Escoteiros de Portugal até ao alvo do seu alto ideal.

Salvo o meu querido irmão Eduardo Ribeiro, a nenhum dos que formam a nova Direcção conheço pessoalmente. Tão pouco conhecia qualquer dos membros da «equipa» anterior, se se exceptua um ligeiro intercâmbio epistolar com alguns deles. Isto significa que não me guia neste caso nenhuma consideração de ordem pessoal, que, além disso, na minha dupla qualidade de Sénior e não português, seria por completo improcedente.

Uma mudança de «equipa» directiva da nossa Associação é bastante importante para prender a atenção de todos e provocar os mais diversos comentários. Também eu quero dizer algo sobre o tema, e espero que, como neutral que sou, o meu comentário será geral e objectivo.

* * *

O que leio nestas páginas, o que me contam nas suas cartas os meus irmãos portugueses, e as minhas conversas com aqueles que em suas viagens chegam até às minhas terras de Castela, convenceram-me de que o Escotismo em Portugal — referimo-nos aqui sòmente à A. E. P. — carece da pujança necessária para fazer sentir o seu peso no processo educativo do país. Opino que se deve viver de realidades, e se isto é certo, confessá-lo sem hesitação, e afrontar os factos debaixo da premissa da actual debilidade. O contrário será seguir uma táctica de avestruz.

Um caminho erróneo, circunstâncias desfavoráveis, más actuações pessoais, falta de cooperação, escassez de Chefes capacitados, penúria de meios económicos, clima moral adverso, e tudo quanto se queira, foram as causas que levaram o Movimento luso ao estado actual.

Quem teve a culpa? Não é muito interessante sabê-lo, e melhor será acreditar que todos contribuiram um pouco para a decadência. Porque saber-se que o Sr. X foi um pouco mais culpado do que os demais não remediará nada. O interessante é saber as causas. Por isso deve fazer-se um estudo crítico — se ainda não se fez — de todo o caminho seguido até aqui, a fim de conhecer perfeitamente os baixos em que se caiu, os obstáculos em que se tropeçou, para de futuro se poder evitar adoecer dos mesmos defeitos.

* * *

A nova «equipa escotista» constituiu-se num momento interessante. Possìvelmente, as circunstâncias actuais não são melhores nem piores que aquelas que as Direcções anteriores tiveram de enfrentar. Porém, o facto de dentro de breves meses se realizar em Portugal uma conferência escotista de repercussão mundial, constitui só por si, um factor essencial destas circunstâncias.

A nova «equipa» tem ante si a dura e urgente tarefa de revitalizar os Grupos, para que o projectado Acampamento Nacional seja algo mais do que um conjunto de tendas de campanha ocupadas por rapazes que vestem um bonito uniforme. E pelas declarações ao «*Sempre Pronto*», do

(Conclui na 2.ª página)

Discos Voadores

A abóbada celeste tem sido, através dos tempos, uma enorme caixa de surpresas para a pobre Humanidade. A Lua e as estrelas eram quebra-cabeças que algumas lendas tentavam explicar; depois a aparição de cometas ainda lhe amargurou mais os dias. «Vai acabar o mundo!» — lamuriavam os mais supersticiosos, ao verem os estranhos corpos da cauda reluzente.

Como não podia deixar de ser, os homens de hoje, sempre ciosos de fantasia, arranjaram um novo habitante para os espaços etéreos: os discos voadores. Há discípulos de S. Tomé que não crêem na sua existência. Pela nossa parte, embora não tenhamos visto ainda nenhum desses discos do ar, a não ser os das provas atléticas ou os do popular chinquilho, não nos repugna acreditar na sua existência; é que estamos numa época em que tudo é volante, desde os audaciosos acrobatas do Coliseu às famigeradas bombas voadoras dos alemães. Este é o século do ar: tudo é feito sobre nuvens; tudo é poeira.

Talvez que amanhã, quando os homens olharem com firmeza para o futuro, lhes passe essa mania das coisas aéreas e procurem, então, fazer perdurar as suas obras, cavando-lhes alicerces que penetrem no coração da Terra.

Caminho a seguir

Em 17 de Agosto de 1935, o então ministro da Justiça, Sr. Dr. Manuel Rodrigues, afirmou num discurso que fez: — «O primeiro dever do cidadão, o seu dever fundamental, base de todos os outros, porque é pela realização dele que contribui sempre, e sem perigo de se enganar, para a riqueza e poderio e boa ordem da Nação, consiste em cada um desempenhar bem o lugar que lhe for confiado».

O «Diário de Lisboa» comentando, tempo depois, este período daquele discurso acrescentava: — «Quando todos os portugueses se

OS ESCOTEIROS DE LONDRES

CONVIDARAM UMA PATRULHA DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL PARA OS VISITAR NO VERÃO DE 1951

Com vista ao Festival Britânico que se efectua em Agosto de 1951, os Escoteiros de Londres, com a aprovação dos Serviços Centrais da Associação Britânica, mandaram convites às associações escotistas para enviarem uma patrulha composta por seis rapazes de menos de 18 anos de idade que serão hóspedes de outra Patrulha Londrina.

À sua chegada a Londres, em 11 de Agosto, a Patrulha será recebida na gare por outra Patrulha Londrina. A Patrulha visitante será hospedada em casa das famílias dos escoteiros e durante essa semana visitará Londres e seus arredores, sempre na companhia dos seus hospedeiros, esperando os organizadores fomentar assim sólidas amizades.

Na sexta-feira, dia 17 de Agosto, serão constituídas duas Patrulhas, cada uma com três visitantes e três londrinos, e irão acampar para Gilwell Park durante 15 dias, onde possìvelmente se reunirão 400 escoteiros estrangeiros e 400 escoteiros londrinos. Durante o acampamento serão feitas visitas ao Festival Britânico, e serão efectuadas competições desportivas e escotistas, expedições e excursões.

Os Escoteiros de Portugal foram convidados a enviar uma Patrulha. Esta não terá qualquer despesa a fazer desde a sua chegada até à sua partida, pois os nossos irmãos britânicos querem tomar esse encargo, o que fazem com prazer. Os escoteiros terão ùnicamente de pagar a viagem de ida e volta e levar o seu equipamento individual, visto que o colectivo também lhes será entregue.

Eis uma rara oportunidade para seis escoteiros portugueses.

PREZADO ASSINANTE:

Lembra-te que ao recusares o pagamento de um recibo do SEMPRE PRONTO lhe causas um prejuízo. E se o recibo te foi apresentado é porque recebeste o jornal.

As assinaturas de todos os jornais são adiantadamente pagas.

convencerem de que isto é verdade —cada um a cumprir as suas obrigações sem atropelar os outros— ter-se-á feito uma tal remodelação nos nossos hábitos que ninguém olhará para o vizinho com a ideia de o responsabilizar pela sua incompetência e pela sua preguiça».

Sem perdermos de vista o valor do conceito aplicado no âmbito nacional, transportemo-lo aos quadros do Escotismo, façamos aqui a sua aplicação, e apreciaremos, embora num campo mais limitado, iguais e valiosos resultados.

UMA NOVA "EQUIPA ESCOTISTA,,

(Conclusão da 1.ª página)

Sr. Tovar de Lemos, E. C. G., vemos que a nova «equipa» traçou um programa ambicioso, de envergadura, e escotistamente lógico, que vai exigir de todos o máximo esforço.

Assim pois, a reunião de Comissários Internacionais—independente da repercussão que terá nos meios culturais do país—vai servir à nova «equipa» como acicate com que despertar o sonolento escotismo português.

* * *

Ora bem; o Escotismo é uma obra de cooperação, de esforço comum, de trabalho do Escoteiro-Chefe Geral e também do mais débil Lobito. Engana-se, pois, quem julgar que a nova «equipa» pode, por si só, fazer o milagre de transformar o panorama escotista da A. E. P. em três meses. De nada servirão os seus trabalhos, o seu magnífico programa, se não for secundada entusiàsticamente por todos aqueles que formam a Associação, seja qual for o lugar que ocupem.

A «equipa» marca as directrizes, a norma geral e, seguindo estas, os Grupos hão-de trabalhar intensamente, sem respirar, com verdadeiro espírito de superação escotista. Sem perder de vista um só momento que o eficaz nos Grupos não é o serem as ordens bem redigidas, mas antes aquilo que interessa directamente aos rapazes, única maneira de conduzi-los rápida e directamente até ao objectivo proposto; e aos rapazes interessa sempre muito o grande jogo escotista, e o sistema de B.-P. satisfaz verdadeiramente o seu desejo de aventura, o seu afã de jogar, a sua vontade de afirmar a própria personalidade. Digo isto para aqueles Chefes que não sabem tirar os seus rapazes da Sede, e passam as horas mortas com os escoteiros sentados numa habitação, dando voltas e mais voltas ao *morse*.

O Escotismo é uma obra de todos; dos Chefes, dos Seniores, dos Escoteiros e dos Lobitos, e também das Esposas e dos Pais, de uns e de outros, a quem se devem interessar nos nossos problemas. Todos temos o iniludível dever de fazer o melhor, para que a nova «equipa», para bem de Portugal, alcance com êxito os seus objectivos.

* * *

Dentro do Escotismo há uma Divisão cujo lema SERVIR tem neste momento excepcional importância; porque a A. E. P. necessita do serviço dos seus muitos ou poucos Seniores, esses Seniores que agora marcham à deriva, e que têm contudo, no momento actual, ocasião de demonstrar que são dignos de pertencer a essa «alegre fraternidade de ar livre e de serviço» que é o Seniorismo.

Não acreditam, irmãos-seniores, que se agora demonstrarem a vossa eficácia, a nova «equipa» preocupar-se-á num futuro próximo em organizar o Seniorismo em Portugal? Já sabeis que B.-P. criou o Seniorismo sòmente depois dos escoteiros mais velhos demonstrarem com o seu trabalho a conveniência de tal medida.

Pois mãos à obra e boa senda a todos.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

No eterno acampamento

António Pascual del Valle

No dia 25 de Maio último, faleceu em Madrid o Sr. D. António Pascual del Valle, um dos fundadores do escotismo espanhol e decano dos chefes da Asociación de los Exploradores de España. Toda uma vida dedicada afanosamente à educação da juventude, o Sr. Pascual foi um homem simples que nunca aceitou outros cargos além da laboriosa tarefa de dirigir um grupo de escoteiros.

Como prémio da sua actividade constante e eficaz, o Rei, a Cruz Vermelha Espanhola, o Escotismo e outros organismos, colocaram no seu peito honrosíssimas condecorações.

Tomou parte nos «Jamborees» da Inglaterra e da Hungria, e era, sem dúvida alguma, um Chefe amado por todos.

No passado dia de São Jorge, ainda ele nos dizia que era o último ano em que poderia reunir-se connosco. O seu pressentimento provou-se: um mês depois, sòmente, marchou para o seu eterno acampamento, deixando nas nossas fileiras uma vaga impossível de preencher.

E. G.

Juventude Escotista

Passam os anos vivendo nós a nostalgia da nossa juventude escotista. Recordamos e anotamos dias felizes desfrutados nessa idade em que as preocupações não nos vêm angustiar.

A nossa vida passava então por caminhos sem obstáculos e desconhecíamos as asperezas e as amarguras que mais tarde gerou nos nossos corações a vontade de lutar pela própria existência. Tudo era felicidade e tudo nos fazia crer que jamais chegaria o seu termo. Porém, quando inexoràvelmente ela terminou achámo-nos, por lei natural, a procurar firmar a nossa posição, a mais alta aspiração de todo o ser humano. Nessa altura pudemos apreciar a mudança operada. Vamos, por via disso, conhecendo-nos melhor e a todos quantos nos rodeiam. Com tristeza recordamos a verdadeira fraternidade e a camaradagem que encontrámos entre os escoteiros e que agora, quando delas sentimos mais necessidade, não podemos encontrar, porque só o interesse particular é o guia de cada indivíduo.

Conhecemos mais tristezas que alegrias e sòmente estas nos vêm rodear quando Deus nos dá os filhos que desejamos. Por eles continua a nossa luta e, à medida que os vemos crescer, enchemo-nos de satisfação e parece que a vida nos torna a sorrir.

Observamos as brincadeiras de nossos filhos (as mesmas que nós já tivemos) e as suas travessuras inocentes de criança, repreendendo-os, porém, interiormente, perdoando, como o fizeram a nós.

E pouco a pouco, os nossos filhos já formados, vamos habituando-os àquilo que fomos na infância. Falamos-lhe do Escotismo que eles já começam a compreender por terem presenciado a passagem de escoteiros a caminho dos acampamentos. Explicamos-lhes a sua maravilhosa organização, com o que despertamos neles a vontade de serem mais tarde bons escoteiros.

Chega o dia do seu enquadramento, o qual nos leva a viver a nossa segunda juventude escotista. Preparamos os seus uniformes com a mesma fantasia com que o fizemos para nós; damos-lhes conselhos sobre a boa acção para que se tornem melhores dia a dia. Depois vemo-los partir com as suas mochilas, pletóricos de entusiasmo, até à paz do seio da Natureza, onde o sussurro da água dos arroios e o trinar dos passarinhos, fazem-nos julgar mais próximos do Criador. Desejamos vê-los nos seus trabalhos e jogos para tornarmos a reviver o passado. E quando os observamos, reunidos em redor do fogo do conselho, onde só existe felicidade, duas lágrimas deslizam pelas nossas faces, porque só então damos conta de que passou a juventude e vamos sentindo-nos mais velhos.

Melilla, Maio de 1950.

JOAQUIN PEÑARROYA
«VIEJO TIGRE»

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

FRANÇA

Escoteiros-Bombeiros—A «Alta Patrulha» (que é formada por chefes, guias e sub-guias) do Grupo de La Motte-Picquet submeteu-se durante o ano lectivo de 1949-50 a uma preparação completa num quartel de bombeiros de Paris.

Este treino constou de 10 sessões quinzenais aos domingos de manhã (foram respeitadas as férias escolares). A preparação terminou com uma excursão num barco pronto-socorro no Sena. Os mais aplicados receberam um diploma de bombeiro-auxiliar que garante a sua competência em qualquer serviço eventual.

Reunião de Comissários dos E. de F.—A reunião dos Comissários dos Éclaireurs de France da divisão Lobito realizou-se em Terrenoir em 11, 12 e 13 de Novembro passado.

Este grande Conselho decidiu organizar um sistema de «bolsas» para auxiliar aqueles que têm dificuldade no pagamento das despesas com a sua participação dos campos-escolas de chefes de lobitos.

Congresso de Pentecostes dos E. de F.—Neste congresso, foi aprovado quase por unanimidade as bases de um Concurso de Exploração Nacional no ano de 1950.

Acampamento em Inglaterra—O Grupo La Hire, de Paris-Sul, organizou o seu acampamento em Inglaterra, sob a forma de reportagem jornalística. Os resultados deste inquérito têm sido publicados no suplemento educativo do «Times».

INGLATERRA

O Duque de Gloucester, grande amigo do Escotismo, (foi até Escoteiro-Chefe Geral da Austrália quando de posse do cargo de Governador daquele Domínio), manifestou o desejo de ver em acção um grupo de escoteiros inglês.

A unidade escolhida para essa honrosa visita foi o 8.º Grupo de St. Marylebone, que tem sempre levado a cabo todos os empreendimentos a que se tem lançado, durante os seus 28 anos de existência.

À sua chegada à sede do Grupo, o Duque de Gloucester era aguardado pelo presidente do Município de St. Marylebone. Acompanhado pelo Escoteiro-Chefe e pelo governador do concelho, percorreu a sede do agrupamento, admirando os trabalhos a que estavam entregues os rapazes. Os lobitos, à sua chegada, deram o «grande grito» e fizeram uma demonstração da «dança da selva». Os escoteiros juniores, na sala a eles reservada, saudaram o visitante empunhando as suas bandeirolas e dispersando depois para os «cantos» das patrulhas a principiarem as suas actividades normais. Os escoteiros seniores demonstraram as suas aptidões em trabalhos fotográficos, apresentando uma cópia de uma fotografia tirada à chegada do Duque à sede. Outros seniores ocupavam-se a tirar cópias do magazine do Grupo e outros ainda executavam a sua sessão de ginástica semanal. Em complemento o Departamento Feminino e o Núcleo dos Antigos Escoteiros que está encarregado de promover reparações no edifício da sede, também apresentaram os seus trabalhos.

Antes de se retirar, o Duque dirigiu palavras de incitamento aos escoteiros e aos seus cooperadores, expressando o grande prazer que tinha constituído para ele aquela visita.

ITÁLIA

De 1 a 21 de Agosto próximo, os escoteiros seniores italianos do *Corpo Nazionale Giovani Esploratori Italiani* vão efectuar o seu 1.º acampamento Internacional Sénior, em Valico del Cerreto, um local muito pitoresco no Apenino Emiliano.

Aquela Associação enviou para esse fim convites a todas as associações escotistas, tendo sido a A. E. P. também convidada. Algum Escoteiro-Sénior que deseje participar neste acampamento deverá dirigir-se ao Secretariado das Relações Internacionais.

SUÍÇA

CHALÉ DE KANDERSTEG

O chalé escotista de Kandersteg estará aberto de 27 de Maio até 1 de Outubro p. f.º.

Em Julho, Agosto e Setembro serão organizadas semanas de alpinismo. Os interessados em acampar ou hospedar-se no hotel, e em tomar parte nas semanas de alpinismo, poder-se-ão dirigir ao Secretariado das Relações Internacionais da A. E. P..

JAPÃO

O Escotismo tem tomado grande incremento neste país nos últimos tempos. A este facto não é estranha a acção das autoridades de ocupação militar a que o país está sujeito desde o final da última guerra.

A associação escotista foi formada neste país em 1911 e é membro fundador da Conferência Internacional do Escotismo. Foi depois dissolvida em 1940, mas os antigos escoteiros japoneses têm desempenhado papel preponderante na sua reorganização e já foi enviado ao *Comité* Internacional o pedido de reconhecimento oficial da Associação Escotista Japonesa. Este *Comité*, depois de ter estudado cuidadosamente o assunto, parece que vai reconhecer aquela Associação, salvo indicação em contrário dalgum dos seus membros.

Ao iniciar-se este ano, a Associação Japonesa contava cerca de 1.500 chefes e 12.000 escoteiros.

URUGUAI

Também este país está trabalhando, há dois anos, para a organização de uma associação de escoteiros, havendo já 1.200 filiados rapazes escoteiros.

O pedido para o seu reconhecimento oficial foi enviado à Secretaria Internacional do Escotismo e, depois desta entidade ter verificado que a Promessa escotista, a Lei e os estatutos estão em conformidade com as normas estabelecidas, o pedido será apreciado pelo *Comité* Internacional do Escotismo que, se se decidir favoràvelmente, reconhecerá aquela associação, caso não haja impedimento por parte dos seus membros.

• • o • •

JOGOS FLORAIS NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

Em vista do êxito que coroou os primeiros Jogos Florais do Ateneu, esta simpática e prestimosa Colectividade promove este ano os Jogos Florais de 1950, que comemorarão o 70.º aniversário deste importante estabelecimento.

As produções, em prosa e em verso, poderão ser entregues na sua secretaria até às 0 horas do dia 20 deste mês.

Auguramos um completo êxito a esta útil iniciativa.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Organização Económica do Escotismo

Satisfazendo uma consulta que lhe foi feita por um dirigente da União dos Escoteiros do Brasil, Salvador Fernandez, Comissário Itinerante para a América da Secretaria Internacional do Escotismo, publicou na revista "Alerta!„ um plano financeiro para as Associações escotistas. Por acharmos de muito interesse as ideias expostas, recortamos, com a devida vénia, daquela revista irmã, alguns períodos do referido trabalho.

.....

Poderíamos perguntar: — Como se sustém o Movimento? Como pode funcionar o escritório central? Como se pagarão os Executivos Profissionais?

A resposta teremos na seguinte norma baseada no P. O. R.:

—«A organização deve sustentar-se por contribuições voluntárias, festivais ou campanhas financeiras. **O apoio financeiro é de baixo para cima».**

Estou absolutamente seguro de que é possível desenvolver no Brasil uma campanha financeira anual, que bem organizada e dirigida, produziria os fundos suficientes para sustentar desafogadamente o Movimento Escoteiro Nacional.

Desde logo não é fácil arrecadar dinheiro do público se este não conhece perfeitamente quem são e o que fazem os Escoteiros. O próprio Baden-Powell num plano que fez circular entre todos os dirigentes da Grã-Bretanha dizia: «...Porém os fundos ùnicamente se arrecadarão quando VV. tenham alguma cousa que mostrar e a razão pela qual necessitam dos referidos fundos». Mais àdiante ele dizia: — «Mostrem ao público o que VV. estão fazendo e o que já conseguiram realizar e dêem também uma ideia de tudo o que poderiam fazer com mais recursos económicos».

* * *

As Associações Nacionais têm à sua disposição quatro fontes fundamentais de recursos económicos, que em ordem de importância devem ser:

a) Contribuições dos organismos escoteiros hieràrquicamente inferiores;

b) Lucros da Cantina Nacional Escoteira;

c) Campanhas Financeiras, sócios protectores, doações e heranças testamentárias;

d) Contribuição do Governo;

Ràpidamente dedicam-se algumas palavras a cada um dos capítulos assinalados:

a) **Contribuição dos organismos escoteiros hieràrquicamente inferiores.** Nalgumas Associações, à primeira vista, acredita-se que este sistema de arrecadação era inaplicável, porém uma vez que o experimentaram, continuaram usando-o com êxito crescente. A principal objecção que se fazia ao sistema nessas Associações era que os organismos inferiores não estavam acostumados a pagar quota alguma anteriormente. Não obstante, foi possível cobrar essas quotas porque se lhes ofereceu em troca SERVIÇO escoteiro eficiente (visitas, cursos locais, literatura, etc.), que justificava o envio dessas contribuições.

As quotas das entidades locais às regionais e destas à organização nacional varia nos distintos países desde uns 10 % até 50 % de suas respectivas arrecadações.

Para conseguir estas contribuições, é necessário recordar de novo esta premissa: PRESTAR SERVIÇOS QUE JUSTIFIQUEM O ENVIO DE QUOTAS.

Volto a insistir que o sustentáculo estrutural do Movimento Escoteiro é de baixo para cima e não de cima para baixo.

b) **Lucros da Cantina Escoteira Nacional.** Este é um capítulo que indispensàvelmente tem de ser visto do ângulo estritamente **comercial.** É simultâneamente a melhor inversão de capital e a melhor fonte de receita que pode ter uma Associação Escoteira Nacional. Pelo menos assim sucede em inúmeros países. Desde, logo para que a Cantina produza renda satisfatória tem que ser posta em mãos de uma Comissão de pessoas bastante conhecedoras de questões comerciais e financistas. A Cantina Escoteira pode constituir um grande êxito ou um grande fracasso económico; sòmente depende de «capacidade prática comercial das pessoas que a dirijam».

c) **Campanhas financeiras, sócios protectores, doações, heranças, etc.** — O êxito neste capítulo depende do prestígio que o Movimento Escoteiro disfruta no país e da personalidade e situação social e económica das pessoas que dirijam estas campanhas ou gestões. E, nestes trabalhos de pedir dinheiro para os Escoteiros, como disse, o próprio Baden-Powell, «as cartas com petições (de dinheiro), são de um valor muito pequeno comparado com as visitas pessoais para explicar o que se quer».

Não vou entrar em considerações sobre como se prepara, organiza e desenvolve uma campanha financeira, porque já há abundante literatura escoteira sobre esse particular. Além do mais, isto tornaria demasiado extensas estas sugestões. Posso, porém, assegurar que este sistema de arrecadação tem sido aplicado na América Latina com bons resultados.

Quanto a heranças e legados testamentários, nada tenho que acrescentar porque estes surgem quando o Movimento Escoteiro goza de popularidade e prestígio e quando proporciona serviços específicos ao bem geral do país.

d) **Contribuição do Governo** — A ajuda económica do Governo pode ser aceita quando não implique numa fiscalização por parte deste. Deve especialmente ser bem recebida a cooperação financeira governamental para projectos específicos, distintos da manutenção ordinária da organização. Estes projectos específicos, volto a repetir, podem ser:

a) desenvolvimento de um plano nacional para o adestramento de chefes;

b) organização de uma campanha de extensão do Escotismo;

c) compra de uma sede permanente;

d) compra de um Campo-Escola e do equipamento correspondente;

e) envio de Chefes ao Campo Internacional de Adestramento, etc.

DESPESAS — Há cinco capítulos de gastos que são comuns a muitas Associações Escoteiras Nacionais; são eles:

a) Aluguel da Sede Central;

b) Funcionamento da Sede Central:

c) Relações Públicas e Finanças;

d) Adestramento e Relações Escoteiras;

e) Relações Internacionais.

Façamos uma breve revisão destes 5 pontos essenciais à boa marcha de uma organização escoteira nacional qualquer.

Aluguel da Sede Central — Há alguns países que têm sede própria, porém, estes são em menor número. A maioria das Associações Nacionais, inclusive a dos Estados Unidos, paga aluguel pelos locais que ocupa.

Funcionamento da Sede Central — Nos gastos de funcionamento são incluídos os pagamentos dos executivos escoteiros profissionais, secretários, material de escritório, comércio, etc.. Tem que ser considerado que é à Sede Central que cabe levar para o terreno da **realidade prática e criadora,** os inumeráveis acordos e decisões tomadas pelas Directorias e nas Comissões. Também é da responsabilidade da Sede Central manter contacto estreito e permanente com o Escotismo em todo o interior do país. Tem também a seu cargo, outrossim, desenvolver as campanhas de relações públicas e finanças. Como é fàcilmente compreensível, não se pode

(Conclui na 5.ª página)

Uma curiosa Boa Acção dos Escoteiros Gregos da Ilha de Leros

O jornal britânico *Glasgow Daily Record* publicou há tempos uma reportagem do seu correspondente na Grécia, sobre a visita a um estabelecimento de ensino grego da ilha de Leros, perto da costa turca.

Dias após a publicação desta reportagem, o editor recebeu uma carta de uma leitora, Sr.ª McMaster, em que perguntava se o correspondente na Grécia lhe poderia descobrir em Leros a sepultura de seu filho, sargento John McMaster, tripulante de um bombardeiro britânico abatido sobre aquela ilha, durante a última guerra. A mãe do malogrado aviador confiava em que os restos de seu filho tivessem sido inumados naquela ilha; outras informações mais pormenorizadas não lhas tinha fornecido a Comissão de Sepulturas Militares, motivo porque não podia juntar mais esclarecimentos.

O editor daquele jornal imediatamente fez seguir o pedido para o seu correspodente na Grécia, Sr. Keith Butler; porém, ele já tinha regressado a Atenas e não lhe era possível voltar a Leros.

Como conhecia o Comissário Nacional dos Escoteiros Gregos, o jornalista britânico perguntou-lhe se os escoteiros daquele país poderiam levar a bom fim aquele trabalho. O convite foi entusiàsticamente recebido e, algumas semanas depois, os escoteiros gregos já estavam aptos a apresentar os resultados das suas investigações. Os rapazes tinham encontrado uma sepultura com o nome e o número do sargento McMaster num cemitério militar inglês de Leros. Além disso, obtiveram informações minuciosas sobre a forma como tinham sido encontrados e sepultados os corpos dos desditosos aviadores. Os escoteiros, numa cerimónia tocante, depuseram uma coroa de flores sobre a campa de McMaster e dos seus companheiros e tiraram várias fotografias do local das sepulturas e da cerimónia. O Comissário Nacional dos Escoteiros Gregos, Sr. Alexatos, visitou também o cemitério, colocando ali outra coroa.

Daí a alguns dias a Sr.ª McMaster recebia do correspondente do jornal britânico, um relato circunstanciado do local onde reposam os restos mortais de seu filho, e ainda uma excelente colecção de fotografias tiradas pelos escoteiros gregos.

A mãe daquele aviador ficou, como é de calcular, extremamente sensibizada pelo resultado daquelas pesquisas e mais ainda pela nobre atitude daqueles rapazes gregos. Numa carta que escreveu ao jornalista britânico agradecendo os seus esforços e os dos escoteiros, contava que tinha tirado cópias das fotografias e das cartas sobre o comovente caso, distribuindo-as pela antiga esquadrilha do filho, pela sua noiva, parentes e amigos.

O jornalista Sr. Butler, comentando este caso diz: «O editor do *Daily Record*, apesar da sua dura experiência jornalística, ficou imensamente impressionado ante esta prova de amizade e camaradagem internacional, tão real e tão modesta, evidenciada pelos escoteiros gregos». E, mais adiante, continua: «Posso também testificar a coragem e o espírito de sacrifício que esses escoteiros têm demonstrado nestes três anos, esforçando-se por levar alívio e socorro às vítimas da cruenta luta de guerrilhas que a Grécia tem sofrido».

Organização Económica do Escotismo

(Conclusão da 4.ª página)

levar a cabo este trabalho contando apenas com elementos voluntários; necessita-se de profissionais pagos, que dediquem todo o seu tempo ao desenvolvimento do Escotismo.

. . . . . .

Relações Públicas e Finanças— É necessário prever no orçamento sempre algumas importâncias, para a organização das campanhas anuais de relações públicas e finanças. Há sempre importantes despesas como «impressão de folhetos de divulgação sobre o que é Escotismo, filmagem de películas, publicidade, etc.».

. . . . . .

Relações Internacionais — Para manter as relações exteriores há também obrigações económicas que podem resumir-se em:

1.º—Quotas ao «Boy Scouts International Bureau» e ao «Conselho Interamericano de Escotismo»;

2.º—Envio ao menos de um representante a cada uma das actividades nacionais ou internacionais, entre as quais incluo também os cursos mundiais da Insígnia de Madeira.

FINALIZANDO — Por último, uma boa estruturação económica requer:

a) um orçamento científico e sistemático das receitas e despesas necessárias para o progresso (em qualidade e em número), do Movimento Escoteiro;

b) Um balanço anual devidamente organizado por contadores e amplamente divulgado para que público, subscritores e o Governo saibam em que cousas «práticas» foi empregado o dinheiro fornecido.

Esperando assim haver cumprido (embora em forma muito modesta), os desejos do Sr. Comissário Internacional da U. E. B. firmo-me,

Sempre alerta para Servir

SALVADOR FERNANDEZ B.
Comissário Viajante do B. S. I. B.

LIVROS

A CAMPANHA PELO CASAMENTO DAS TELEFONISTAS

Ainda está na memória de todos o notável empreendimento da Liga Portuguesa de Profilaxia Social contra a absurda determinação que proibia o casamento às telefonistas da *Anglo-Portuguese Telephone Company, Limited,* iniciativa, como se sabe, coroada do mais completo êxito.

Pois a prestimosa Liga acaba agora de lançar um livro com o título em epígrafe, onde se guardam todos os documentos relativos àquela patriótica campanha. Nas 200 páginas do volume, perpassa a imensa actividade que esse acontecimento desenvolveu e, o que é ainda de maior interesse, os depoimentos admiráveis dos grandes valores culturais do nosso País, concernentes à triste situação daquelas telefonistas.

Porém, ao contrário do que se poderia pensar, o interesse desta publicação é de grande valor no momento presente; é que há no nosso País trabalhadoras a quem é vedado ainda o direito de contrair matrimónio: trata-se das enfermeiras dos Hospitais Civis. E, como se diz no preâmbulo desta obra, os argumentos apresentados a favor do banimento daquela imposição às telefonistas «são inteiramente aplicáveis às enfermeiras, dada a absoluta paridade dos casos, a revelação dessas razões, provindas de tantas mentalidades cultas a que só acendia um acendrado civismo» poderá servir òptimamente ao estudo de um problema eminentemente actual como esse das enfermeiras, que aquela Liga se propõe ir tratar agora.

A leitura deste livro é recomendável ainda pelas opiniões valiosíssimas sobre o problema da Família, expendidas pelas mais eminentes figuras portuguesas, tanto do campo científico como do religioso.

A VIDA RURAL NO ROMANCE PORTUGUÊS

O nosso estimado amigo Escoteiro-Chefe Diplomado Sr. António Álvaro Dória, acaba de oferecer ao público português mais um valioso fruto do seu labor literário, estudando um tema sugestivo, pela primeira vez tratado entre nós.

«A Vida Rural no Romance Português» é uma obra interessante de que Álvaro Dória se serve para conduzir aprazìvelmente o leitor através das melhores páginas do romance português, versando a vida campesina.

O Autor, enquanto nos apresenta trechos riquíssimos de folclore, faz o seu comentário, revela-nos a arte do escritor, a poesia da vida rural, localiza a acção, estabelece o paralelo entre as narrativas e os usos e tradições da nossa terra, dando-nos a conhecer, de uma forma agradável, Portugal e a sua gente.

Não será ousado afirmar que nesta obra se revela a formação escotista do ilustre Autor, que ao serviço do seu fino recorte literário coloca um aprimorado espírito de investigação e de observação verdadeiramente próprios de um Escoteiro. Só através da investigação se poderia reunir tantas páginas de romance sobre a Vida Rural — que no prefácio da obra se consideram escassas — e só por uma observação atenta tão bem se pode conhecer a vida e os costumes da gente das aldeias de Portugal.

Felicitamos, pois, o E. C. D. Álvaro Dória por mais esta obra com que enriquece as letras portuguesas e agradecemos o exemplar que teve a gentileza de dedicar ao «*Sempre Pronto*».—R.

• • o • •

INTERCAMBIO EPISTOLAR ESCOTISTA

Isidro Alvarado Dumes

José Mascote, 1713
Guayaquil (Equador)

Este irmão-escoteiro equatoriano deseja trocar correspondência com um chefe ou uma chefe de lobitos. Correspondência em espanhol e português.

"Escoteiro um dia, Escoteiro toda a vida,,

Palavras pronunciadas pelo vogal da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros e antigo Secretário-Geral da A. E. P., Antero Nobre, na Festa do Grupo n.º 94.

Em boa verdade, o que me trouxe esta noite aqui não foi apenas o amável convite do Grupo n.º 94, embora ele me tenha desvanecido sobremaneira. O que fundamentalmente me arrastou para esta simpática festa, como o que me fez voltar às lides escotistas, depois de mais de doze anos de ausência do simples convívio com escoteiros, — foi um sentimento que me tumultua no coração, mas que dificilmente consigo definir.

A saudade?

A gratidão?

Talvez sejam, sim; mas as duas juntas: a saudade do que fui e jamais poderei voltar a ser; a gratidão pelo que hoje sou e espero, com a ajuda de Deus, continuar a ser até ao fim da vida. Porque uma coisa é certa para mim: o melhor tempo da minha infância e adolescência foi o de escoteiro; e ao que fui como escoteiro devo tudo o que hoje sou como homem, como cidadão e até, de certo modo, profissionalmente!

Sim, deve ser isso o que aqui me trouxe esta noite: saudade e gratidão. Porque são elas também, em conjunto, as mais fundas e as mais sólidas raízes da Fraternal dos Antigos Escoteiros; e, afinal, é apenas na qualidade de antigo escoteiro e membro e dirigente eleito da Fraternal, que eu aqui posso estar agora.

.....

«Escoteiro um dia, escoteiro toda a vida»; ou, por outras palavras, como quiseram os organizadores da nossa Fraternal: «Uma vez escoteiro, sempre escoteiro»!

Para os menos iniciados na hermenêutica escotista, para aquelas que apenas vêem no Escotismo um conjunto de actividades mais ou menos educativas, tendo por base o campismo, esta divisa não será compreensível. É que esses, presos ao formalismo das actividades, apegados às exteriorizações da vida dos escoteiros ou só conhecendo os programas e os métodos, mas ignorando o espírito, não podem compreender que «ser escoteiro é, essencialmente, uma atitude perante a vida»; e que, assim, pode-se continuar a ser escoteiro, e dos melhores, mesmo depois de se despir definitivamente o calção curto e a camisa de caqui, depois de se deixar de fazer campismo, aprender ou ensinar as provas de classe, frequentar um grupo ou uma associação, desfazer diàriamente o nó do lenço ou usar a Flor de Lis. A Flor de Lis no chapéu ou na lapela é, mesmo escotistamente e até social e nacionalmente, o que menos interessa (quantos a usam e nunca foram, nem serão, apesar disso, verdadeiros escoteiros!); o que importa é trazê-la gravada na alma e tê-la presente no coração em todos os actos da vida.

Nas velhas cartas geográficas, a Flor de Lis indicava o Norte: — um rumo, uma direcção, um caminho a seguir para se não perderem nos caminhos do Oceano, uma orientação para os que andavam sobre as águas do mar poderem atingir sem desvios o seu destino; nos emblemas dos escoteiros indica também um rumo, um caminho a seguir, mas nos domínios do espírito; traduz uma orientação espiritual com vista a alcançar-se o verdadeiro destino do homem na vida e mesmo para além dela; significa uma atitude perante a vida e até perante a morte! É, no fim de contas, o espírito escotista, o que ela representa e simboliza!

.....

Mas, o que é o espírito escotista?

Deduzir aqui a sua definição pela interpretação das obras do Fundador, seria longo e até, de certo modo, fastidioso: sobre este tema têm-se escrito milhares ou talvez milhões de páginas, em todas as línguas cultas; com ele se têm preocupado pedagogos sem conta, dos mais ilustres de todas as nacionalidades. Limitemo-nos, pois, a uma síntese, acompanhando na essência aqueles que melhor o fizeram e o demonstraram com os êxitos quotidianos da sua aplicação prática.

O espírito escotista é, em primeiro lugar, um espírito conservador, digamos assim, empregando o termo no seu melhor sentido. O verdadeiro escoteiro, aquele que segue fielmente os ensinamentos e as normas do Fundador, aceita e reconhece tudo o que *existe.* Deus, a Religião, a Pátria, a Sociedade, a Família, os Mestres e os Chefes *existem:* não se discutem, portanto! Para actuar, para agir, o escoteiro não precisa, consequentemente, de modificar os quadros sociais: conserva-se no seu lugar e na sua classe, nem descontente, nem revoltado. Isso, todavia, não o impede de sonhar com o progresso, quer moral e social, quer material — o próprio Movimento Escotista, aliás, procura aperfeiçoar-se continuamente! —; mas não deseja nem quer que esse progresso tenha como condição basilar a destruição pura e simples de tudo o que existe! Como para Sévin, é para mim ainda hoje um enigma psicológico a forma de certas pessoas, que se dizem escoteiros, conciliarem determinadas teorias políticas e sociais e o seu ateísmo ou simples indiferença religiosa, por exemplo com a lealdade à Pátria e às instituições, aos chefes e aos patrões, e a fidelidade à Família e a Deus, impostas pela Lei e pela Promessa!...

(...pela Lei e pela Promessa, tal como o Fundador as criou e não como, em alguns países, muitos que se dizem seus discípulos as deturparam intencionalmente!...)

A lealdade e a fidelidade! Sim: a segunda característica fundamental do espírito escotista é, exactamente, a lealdade. O verdadeiro escoteiro é fiel a todas as leis, a todas as normas, a todas as regras morais ou sociais, em que vê sempre muito justamente o seu dever; e um dever que se cumpre sem olhar a pessoas nem aos inconvenientes que dele possam resultar; um dever que se cumpre, mesmo que tenha de se fazer sacrifícios.

Fazer sacrifícios, sim! Mas fazê-los alegremente, pois outra característica dominante do espírito escotista é a alegria, o optimismo. O escoteiro é alegre, encara as dificuldades e os sacrifícios a sorrir, a alma em festa: e com uma canção nos lábios, vence umas e realiza os outros. O escoteiro é alegre, mas não egoísta: espalha a sua alegria, contagiando-a aos outros, como um bálsamo para as agruras e dificuldades da vida de todos os dias; e é isto que faz da sua vida um autêntico apostolado, inconsciente por vezes, mas sempre frutuoso, da alegria de viver e da saúde moral, — filhas da pureza de alma e da saúde física, que o escoteiro cultiva no mais alto grau.

Mas o espírito escotista é ainda, e sobretudo, um espírito de dedicação, de devotamento: «não se é escoteiro por si próprio, mas pelos outros; não estamos aqui para nos servirmos, mas para servir», escreveu algures um dos mais fiéis discípulos do Fundador. A «Boa Acção» quotidiana é o primeiro dever do escoteiro; auxiliar o próximo a sua mais absorvente e mais bela missão na Terra! «Podem precisar de mim!», — é o princípio e o motivo fundamental que leva o escoteiro a estar «Sempre Pronto», física, moral e intelec-

(Conclui na 7.ª página)

"Escoteiro um dia, Escoteiro toda a vida,,

(Conclusão da 6.ª página)

tualmente, para tudo, até para arriscar a vida em auxílio dos outros; a estar pronto para arriscar a vida, e a arriscá-la de facto sem hesitar, quando para isso encontre oportunidade, porque fá-lo sempre por uma simples e natural imposição do dever livremente aceite: em face do perigo, a alma mede o risco que corre, sem dúvida, mas despreza-o conscientemente! E esta concepção heróica da vida traz consigo também uma concepção heróica da morte; a morte é apenas uma das coisas para as quais o escoteiro deve estar «Sempre Pronto»: é «a grande prova escotista, o mais difícil exame a que o homem pode ser submetido, mas que é preciso passar igualmente com honra!», como disse um dia o Fundador.

.....

Reconhecimento e aceitação incondicional e indiscutível de Deus, da Religião, da Pátria, da Família, das instituições sociais, dos Chefes, seja qual for o seu grau na hierarquia; respeito por tudo o que existe, sem exclusão do veemente desejo e do trabalho devotado pelo progresso moral, social e material; lealdade para com todos e para com tudo, em quaisquer circunstâncias e à custa de que sacrifícios forem; fidelidade às leis morais e sociais, em todas as ocasiões e em todos os lugares, sem olhar às consequências; devoção pelo próximo até ao sacrifício da própria vida, serviço social como primeiro objectivo para toda a actividade humana; pureza de corpo e pureza de alma, optimismo e alegria de viver: — eis o que caracteriza o espírito escotista, eis a atitude do verdadeiro escoteiro perante a vida, eis o estilo de vida do verdadeiro escoteiro!

Por isso, o que é, fundamentalmente, ser escoteiro?

É, para além do uso do uniforme, das provas de classe, do campismo e de todas as restantes actividades pedagógicas, — trazer a Flor de Lis, como disse, não apenas na lapela ou no chapéu, mas na alma: é viver o espírito que ela representa, é seguir o estilo de vida que ela simboliza!

E, assim, quem foi escoteiro um dia, pode bem sê-lo toda a vida. Se a Promessa foi feita com os requisitos indispensáveis para ficar sendo, na alma do rapaz, aquilo que o Fundador pretendeu que ela fosse, podemos mesmo ir um pouco mais longe e dizer: quem foi escoteiro um dia, não pode deixar de o ser toda a vida!

.....

Por mim, ao fim de doze anos de ausência, voltei; não porque queira ou possa envergar de novo o calção curto e a camisa de caqui, ensinar provas de classe ou levar rapazes para o campo, mas apenas exactamente porque nunca deixei de sentir na alma a marca da Flor de Lis, que a Promessa, há mais de vinte e cinco anos, nela gravou indelèvelmente. Essa marca me fez acorrer ao toque de reunir dos antigos escoteiros, que, avivando talvez a minha saudade, avolumou por certo a minha gratidão por este Movimento, ao qual, repito, devo tudo o que hoje sou espiritualmente.

E já que voltei, deixem-me fazer desta minha primeira convivência com escoteiros, depois do meu regresso, um acto simbólico, que represente alguma coisa — pelo menos um incitamento — para aqueles que vão agora iniciar a sua carreira escotista; deixem que eu, na presença dos novos aspirantes do Grupo 94, antes deles fazerem a sua Promessa, ratifique a minha, na fórmula regulamentar da Fraternal dos Antigos Escoteiros:

— Prometo por Deus e pela minha honra que procurarei, em todos os actos da minha vida, continuar a ser fiel à Promessa e à Lei do Escoteiro.

CASAMENTO

Em 27 de Abril findo, consorciou-se a Sr.ª D. Maria Virgínia dos Santos Almeida, com o nosso amigo Escoteiro-Chefe Aju-



dante do Grupo n.º 53, Sr. José dos Santos Ferreira. O acto religioso foi realizado na Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo, sendo oficiante o Rev. Eduardo Moreira. Foram padrinhos por parte da noiva o Sr. Leopoldo Figueiredo e sua esposa Sr.ª D. Violeta Hall de Figueiredo, e pela parte do noivo o Sr. H. de Azevedo e sua esposa, Sr. D. Esperança de Azevedo.

Os noivos seguiram para a Ericeira após o copo-de-água, servido na Sede do Grupo.

Fazemos votos de mil felicidades ao simpático casal.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Partidas—Depois de ter passado alguns meses na Metrópole, regressou em meados do mês passado a Lourenço Marques o nosso amigo e estimado assinante Sr. Abílio dos Santos, antigo Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 2. Desejando-lhe que tenha tido óptima viagem, daqui lhe enviamos um abraço amigo e agradecemos as saudações que teve a bondade de nos dirigir.

Nascimentos—O lar nos nossos amigos Sr. Aurélio Soares, nosso prezado assinante, e de sua Esposa, Sr.ª D. Mariana Martins Soares, foi presenteado com uma interessante menina no dia 9 de Abril último, a quem puseram o nome de Maria da Graça.

● Também o nosso amigo e assinante Sr. Fernando Ribeiro Júnior e sua Esposa, Sr.ª D. Maria Joaquina Reis Ribeiro, irmã do Escoteiro-Sénior do Grupo 94, Sr. Júlio Maria Reis, tiveram o seu lar enriquecido no dia 6 de Maio p. p.. com uma encantadora menina—Maria Luísa—como lhe chamaram.

Aos dois felizes casais apresentamos os mais ardentes votos de venturas para os dois «rebentos».

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

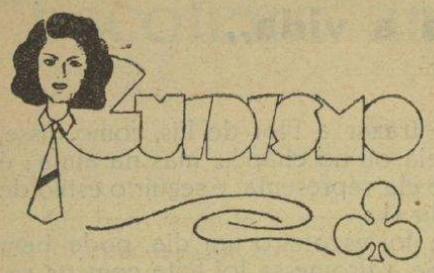
Festas Escotistas — Com a cooperação valiosa do Grupo «6» de Olhão, os escoteiros desta vila realizaram duas festas de propaganda escotista, que obtiveram assinalado êxito, nos dias 14 e 21 do mês transacto.

No dia 14, na sede do Grupo, foi inaugurada uma exposição de trabalhos manuais, grande parte deles feitos pelos escoteiros do «6», que esteve patente ao público todas as noites até ao dia 20.

No dia 21, logo às primeiras horas da manhã, os escoteiros fizeram uma entusiástica recepção na estação ferroviária aos seus camaradas olhanenses. Da estação até à sede do «60», foi organizado a seguir um desfile em que se encorporaram os escoteiros e elementos da D. A. F. dos dois Grupos, tendo este acontecimento despertado grande entusiasmo entre a população.

No mesmo dia à tarde, por deferência do Glória Futebol Clube, foram representadas na sede deste grupo desportivo, a peça escotista «No Rumo da Lei», desempenhada por escoteiros do «60» e elementos da D. A. F. de Vila Real, e a comédia «Um Cavalheiro Respeitável», pelos escoteiros e elementos da D. A. F. de Olhão.

As festas constituiram um óptimo meio de propaganda escotista e foram presenciadas por numeroso público, despertando um interesse desusado. — C.



O Movimento Mundial

Para vós que, sentindo-vos Guias de coração, ainda não haveis podido chegar a vestir o uniforme, nem viver as horas alegres de um Grupo, nem sabendo como se desenvolve o querido Movimento Guidista pelo Mundo, para vós, dizia eu, são estes apontamentos, estas minhas mal alinhavadas palavras, nas quais sòmente procuro dar-vos um ligeiro informe sobre a organização mundial das nossas irmãs, as Guias do mundo inteiro.

O ramo feminino do Escotismo conta menos membros que o ramo masculino; porém as Associações de Guias estão espalhadas pelas cinco partes de mundo, de tal modo que é raro o país onde existem Escoteiros, que não tenha também vida oficial o Guidismo.

Naturalmente existem grandes diferenças quanto à pujança e eficiência alcançadas pelo Guidismo nas diversas nações. Os Estados Unidos, primeiro país que organizou uma Associação de Guias, tem actualmente 1.150.000 membros. A Inglaterra, com mais de meio milhão de membros activos na «The Girl Guides Association», incluí na sua organização não só as três divisões normais de «Brownies» (Fadas), Guias e «Rangers» (Seniores) com as suas correspondentes Chefes, mas também grupos especiais de «Air Rangers» (Guias do Ar), «Sea Rangers» (Marítimas) e «Cadet Rangers». A França, com as suas duas Associações que agrupam umas 90.000 raparigas, presta uma atenção preferente à formação das suas eficazes «cheftaines», encarregadas de levar adiante, com passo seguro, as Alcateias de Lobitos do Escotismo masculino, sem que isso signifique abandono das tarefas próprias do guidismo. Na heróica Polónia, durante os anos da recente guerra mundial, as Guias deste país demonstraram o seu magnífico espírito, primeiramente cooperando nos serviços auxiliares da defesa da nação, e depois, durante a ocupação, trabalharam na clandestinidade para manter vivo o patriotismo polaco, ensinando às crianças a história e a geografia do seu país, não permitidas pelo ocupante; e ofereceram um sério tributo de sangue no levantamento de Varsóvia em 1944.

Frente a este panorama positivo que pode ampliar-se a outros países, existe outro menos optimista, representado por aqueles onde o Guidismo não é nada mais que o sonho esperançoso de umas poucas pessoas, ou nem sequer isso. Países nos quais o Guidismo teve uma vida efémera, murchou pronto, e desapareceu. Outros, como Portugal, em que o Guidismo é algo que permanece em estado latente junto de alguns Grupos de Escoteiros.

A organização mundial do Guidismo é semelhante à dos Escoteiros, com quem mantém o lógico contacto moral. A Chefe Guia Mundial continua sendo Lady Baden-Powell, viúva do genial criador do Escotismo. Existe um Conselho Mundial Guia composto por membros de diversos países, e diferentes subconselhos encarregados de tarefas determinadas. Há um Conselho especial que atende os assuntos relacionados com as Américas, celebram-se Conferências Mundiais, Acampamentos Internacionais, etc.

O Guidismo tem também três divisões impostas pela necessidade pedagógica das práticas que exigem as diversas idades; as Fadas, que equivalem aos Lobitos; as Guias, aos Escoteiros; as Guias-Seniores equiparadas aos Escoteiros-Seniores. As Companhias de Guias são o equivalente aos Grupos de Escoteiros, e dividem-se em Equipas, semelhantemente ao que estes fazem em patrulhas. Na realidade é só uma questão de nomes e ligeiras diferenças orgânicas. As equipas usam tomar como distintivo uma flor em lugar de um animal.

O Guidismo tem a sua Lei e a sua Promessa, o seu uniforme, os seus distintivos de especialidade e as suas provas de classe, e incluso as suas próprias condecorações.

O emblema mundial das Guias é um Trevo de três folhas, com uma estrela de cinco pontas em cada folha lateral, e uma ponta de flecha apontando para cima. Um Trevo de ouro, cujas três folhas representam as três partes da Promessa, a flecha indica que o caminho da Guia se dirige sempre para o alto, até à superação. Todas as Associações Guidistas nacionais do mundo, à excepção da Polónia e Hungria, têm o Trevo como seu emblema; e todas, absolutamente todas, uma bela Promessa gravada no coração das suas associadas.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

«ALMA AZUL»

O "SEMPRE PRONTO,,
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA BOA HORA
Rua Nova do Almada, 46
LISBOA

Uma festa escotista no Grupo n.º 94

Promovida pelo Grupo n.º 94, realizou-se em 19 de Maio último, na sede da Academia Recreativa da Ajuda, uma interessante festa de propaganda escotista, que teve uma assistência numerosa apesar da chuva que caiu nessa noite. Presidiu o Escoteiro-Chefe Geral, Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, secretariado pelos Srs. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, Secretário-Geral da A. E. P.; Antero Nobre, antigo Secretário-Geral da mesma; um representante da Direcção da colectividade proprietária da sala; Américo Baptista, da Sociedade Juvenil «Renascença Cristã»; Capitolino Ferreira Macedo, Chefe do Grupo promotor da festa.

Encontravam-se ainda presentes os Srs. Albano da Silva, Escoteiro-Chefe Geral Adjunto; Ernesto Clímaco do Nascimento, Escoteiro-Chefe Regional; João Clímaco do Nascimento, Sub-Chefe da Escola Regional de Guias; e o Director do «*Sempre Pronto*».

Aberta a sessão, o Chefe do Grupo explicou os objectivos da festa e leu a Ordem de Serviço. Seguidamente prestou Compromisso de Honra como Guia de Portugal a Sr.ª D. Jesuína dos Anjos Saraiva, que tomou depois posse do cargo de Chefe de Alcateia, lugar que vem desempenhando já há meses com dedicação.

A cerimónia da Promessa dos seis lobitos que constituem o primeiro bando da Alcateia do 94, foi um acto que impressionou pelo seu cunho de sinceridade. Seis pequenitos — o Manuel Resina da Silveira, Luís Filipe Pereira, Fernando Jorge Esteves, Alfredo Loureiro, Virgílio Alves e António Eduardo Sousa — proferiram a sua Promessa perante o totem da Alcateia, que lhe foi tomada pela Chefe Jesuína, que, após a cerimónia, entregou ao Chefe do Grupo o Lobito José Eduardo Pena Ribeiro, que atingiu a idade de Escoteiro.

Escutado com muito interesse, o Sr. Antero Nobre fez, então, a sua anunciada palestra sobre o tema «Escoteiro um dia, Escoteiro toda a vida», que noutro lugar publicamos, e foi premiada com uma entusiasta salva de palmas.

Outra cerimónia que a assistência recebeu com interesse foi o Compromisso de Honra dos nove novos escoteiros: Manuel Rodrigo Pereira, Manuel Raimundo, José Lourenço, Carlos Cavaco, António Rodrigues Carvalhinho, Vítor de Sousa, José Maria Neves, Mário Lages e José Eduardo Pena Ribeiro.

O Chefe do Grupo chamou seguidamente o Chefe Administrativo do Grupo, Sr. Joel Ribeiro, Redactor do «*Sempre Pronto*», a quem fez entrega da medalha de «Dedicação e Bons Serviços» classe de prata, com que os Serviços Centrais o agraciaram recentemente. O E. S. Júlio Maria Reis foi condecorado com a medalha de «Assiduidade», prata; e o Escoteiro Fernando Amílcar da Silveira, com a «Assiduidade», cobre.

Antes de encerrar a primeira parte da sessão, o Escoteiro-Chefe Geral afirmou a sua alegria por assistir à festa do 94, Grupo que continuava a manter uma posição de prestígio no Escotismo português, referindo-se ainda com simpatia ao «*Sempre Pronto*», que foi fruto deste Grupo.

Uma patrulha do 94 apresentou uma série de exercícios ginásticos executados com vara, que agradou à assistência e mereceu muitos aplausos. Após alguns jogos, a festa terminou depois de terem sido exibidos interessantes filmes escotistas culturais, programa gentilmente oferecido pelos Serviços de Imprensa da Embaixada Britânica.

VAI À FEIRA POPULAR?
VISITE O «STAND MARIA RITA»
DA CASA MÃE DAS RAPARIGAS
DA CIDADE